

BEBIDAS

RUBEM BRAGA

PROCURA-ME um amigo da indústria nacional. Você viu — me perguntá — o que fez a Comissão Central de Preços com as bebidas? Respondo que sim, tenho uma idéia da coisa: a CCP autorizou um aumento nos preços da cerveja e do "chopp", e decretou uma diminuição no preço dos refrigerantes sem álcool. E como sou um homem vago, li a notícia e fiquei com a impressão de que se tratava apenas de um desses atos inspirados nos bons sentimentos e sem maiores consequências, com a única e provavelmente não atingida finalidade de convencer um cidadão que toma "chopp" de que o guaraná é mais interessante...

Mas o meu amigo diz que a coisa é mais grave. Mostra que a portaria da CCP vem contrariar o espírito da última lei sobre imposto de consumo, que estabeleceu para os refrigerantes um imposto proporcional e equitativo. E vem prejudicar fortemente os produtores brasileiros de guaraná, água tônica, etc., a favor dos produtores estrangeiros desses refrescos de garrafinhas menores: coca-colas, crushs, guarás e grapettes. Estes, explicou, não são atingidos pela ordem de baixar os preços. A baixa só é obrigatória a partir de meio litro e garrafa — e essas garrafinhas americanas dão apenas um copo. Resultado: o produtor nacional é prejudicado e desencorajado, pois terá de se contentar com uma margem de lucros muito menor. As grandes organizações, como é o caso da Antártica, ainda poderão resistir, embora seus produtos recebam um tratamento pior que os produtos das imensas organizações norte-americanas que invadiram nosso mercado. Mas os outros produtores nacionais, espalhados por vários Estados, ficarão em péssima situação. Enfim, diz o amigo, este é um exemplo típico de como pode o tabelamento desencorajar e enterrar a indústria nacional e beneficiar

a estrangeira. Para baratear — explica — é preciso produzir mais. A política seguida é a inversa: atrair os produtores de tal modo que a produção — a nacional, pelo menos — diminuirá...

Até a recente alteração do imposto de consumo, os produtos norte-americanos gozavam de grande vantagem sobre o nacional. Pagavam um imposto muito menor, relativamente à quantidade de líquido. A lei corrigiu isso, impondo uma proporcionalidade. Agora a CCP corrige a lei, protegendo novamente a indústria estrangeira... Perguntei ao meu amigo porque então a indústria nacional não aderiria também àquele tamanho de garrafinha. Ele disse que já houve produtores nossos que pensaram nisso e há quatro anos encomendaram máquinas nos Estados Unidos. Não as conseguiram até agora. Mas de qualquer modo é absurdo que a indústria nacional consiga, depois de muito tempo, um tratamento equitativo — e a CCP volte a favorecer a estrangeira.

Confesso que sou pouco entendido em matéria de guaraná e coca-colas, e mesmo que essas indústrias se arruinem não morrerei de tristeza. Houve um aumento de 400 cruzeiros em caixa de whisky, o que, afinal de contas, me contristou — mas achei pouco patriótico escrever contra. Ou melhor: não tive coragem de me tornar o paladino dos bebedores de whisky, líquido que afinal de contas, para falar com certa franqueza, eu já vinha consumindo em proporções muito menores e a preços muito maiores do que seria de meu gosto...

Beberei menos e pagarei mais — suspirei no fim do ano — mas afinal entre as tristezas de minha vida a ascensão do "scotch" não é das maiores. Ando treinado em perder prazeres e cortar ambições.

Mas, se o tabelamento não se mete nessas alturas, não seria mal que a fiscalização se metesse. Se a Prefeitura contratasse um técnico em Whisky que fosse arrecadando silenciosamente em suas provetas as "doses" servidas em nossos bares e depois as examinasse com rigor — acredito que teríamos um escândalo prodigioso.

E em matéria de whisky eu confesso que sou anti-brasileiro e anti-americano: sou regionalista escocês. Mas os nossos donos de bar não são...

9. 1. 49